

A variação estilística na fala dos moradores castrenses e londrinenses: em busca do diminutivo *-inho*

The stylistic variability in castrenses e londrinenses inhabitant's speech: searching the suffix *-inho*¹

Dayme Rosane Bençal *

Joyce Elaine de Almeida Baronas **

Wéllem Aparecida de Freitas Semczuk ***

RESUMO: O uso de palavras no diminutivo já se tornou uso coloquial entre os falantes. Estudos mostram que os sufixos diminutivos imprimem caráter expressivo em situações coloquiais. Esta pesquisa sociolinguística teve por intuito descrever a utilização de palavras acrescidas pelo sufixo *-inho*, na classe dos nomes, na fala coloquial de castrenses e londrinenses, na faixa etária entre 40 e 60 anos. As variáveis extralinguísticas sexo e escolaridade, assim como as narrativas sobre infância, lazer, família e animal de estimação foram relevantes em detrimento dos assuntos ligados à política e bairro. A caracterização teórica da pesquisa qualitativa aponta para o fato de que a variação estilística está presente em todas as esferas sociais nos diferentes fatores condicionantes. A hipótese inicial de encontrar o sufixo *-inho* com caráter expressivo na fala dos informantes foi confirmada. O resultado

¹ The suffixes 'inho' means 'little' or 'tiny' before nouns to express smallest things or people in a gentle and sentimental way.

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2012). Bolsista CAPES. Especialista em Língua, Linguística e Literatura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2010) e graduação em Letras Português/Inglês pela mesma instituição (2006). E-mail: daybencal@gmail.com

** Professora associada da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina e graduação em Letras pela mesma instituição (1989). E-mail: joyal@uel.br

*** Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2012). Bolsista CAPES. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (2012) e graduação em Letras Vernáculas e Clássicas pela mesma instituição (2010). E-mail: wellemdefreitas@yahoo.com.br

desta pesquisa mostrou o caráter socioestilístico que esse sufixo pode abarcar em situações informais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Sufixos. Linguagem informal.

ABSTRACT: Several studies shows that the word 'little' used before nouns are normal within the Portuguese speakers to express in a better way informal speech. This research in Sociolinguistic has the aim to describe the use of words added in Portuguese by the suffixes – "inho", with means 'little' or 'tiny' in English, before names, in informal speech of castrenses and londrinenses aged between 40 and 60 years old. The extralinguistics variety as sex, school and the narratives about childhood, leisure, family, pets, are more relevant than subjects about police and neighborhood. The theoretical specificity of this qualitative research pointed that the stylistic variability is within all social spots in several influence spheres. The initial hypothesis to find the suffixes – inho as expressed by the informers is correct. As a result this work shows the sociolinguistic feature that the suffices can happen in informal situations.

KEYWORDS: Sociolinguistic. Suffixes. Informal speech.

Introdução

O Brasil é um país de vastas extensões territoriais que comporta diferentes povos, vindos de várias regiões. A heterogeneidade, presente nos âmbitos social, cultural e linguístico, começou a se configurar no momento de nossa colonização, quando os portugueses se juntaram aos índios e constituíram o povo brasileiro e, um pouco mais tarde, os negros africanos e outros povos que para cá imigraram enriqueceram a miscigenação.

A diversidade linguística, além das fronteiras geográficas, acentua-se no domínio social, no qual a relação língua e sociedade parece ser mais significativa. Conforme Paul Teyssier,

A realidade é que as divisões 'dialetais' no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (TEYSSIER, 1984, p. 79).

As diferenças entre as formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres, de faixa etária e escolaridade distintas são assuntos que interessam à Sociolinguística. Estudos já realizados, como os de Severo (2006), Chambers (1995) e Labov (2008), apontam que as mulheres são mais conservadoras e utilizam a linguagem de modo mais expressivo que os homens.

Neste trabalho, portanto, busca-se descrever a frequência de utilização de palavras acrescidas pelo sufixo diminutivo *-inho*, para a análise do uso expressivo desse afixo, caracterizando-o em conformidade com fatores linguísticos (classe dos nomes) e extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade).

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas entrevistas gravadas com moradores de Castro e Londrina, na intenção de traçar o perfil linguístico e expressivo, anunciando a capacidade valorativa das palavras e a afetividade expressa em contextos reais de conversação. Assim, pretende-se também traçar o perfil linguístico-estilístico dos falantes de Castro e Londrina, em relação à utilização de palavras acrescidas do sufixo *-inho* utilizadas em situações expressivas e informais de comunicação.

Dessa forma, este trabalho está situado nos domínios sociolinguísticos, introduzidos por William Labov, sublinhando a variação geográfica e social e também nos preceitos estilísticos da língua, postulados por Charles Bally, que se volta para os aspectos afetivos da linguagem, de acordo com os apontamentos de Martins (1989).

Os objetivos específicos desta pesquisa são: (i) descrever o uso de palavras acrescidas pelo sufixo *-inho*, na classe dos nomes, na fala coloquial de castrenses e londrinenses, na faixa etária entre 40 e 60 anos, do sexo masculino e feminino, que cursaram o ensino fundamental, médio e superior; (ii) quantificar o uso de palavras acrescidas do sufixo *-inho* relacionado ao juízo de valor expresso no discurso, entendendo esse afixo como recurso estilístico, presente na fala cotidiana dos castrenses e londrinenses; e, por fim, (iii) fazer o cotejo dos resultados obtidos nas regiões especificadas.

Este artigo está delimitado em quatro momentos. A princípio, apresenta-se o embasamento teórico, descrevendo algumas discussões sobre o sufixo *-inho*, demonstrando as diferentes abordagens postuladas por autores que o classificam como morfema de grau ou sufixo derivacional. No segundo momento, a análise dos

trechos contendo esse afixo em Castro e Londrina é exposta por meio de gráficos, de acordo com os fatores especificados. Em seguida, faz-se o cotejo dos resultados das duas cidades, para então tecer algumas considerações sobre o assunto estudado.

Metodologia

Para a coleta do material analisado, buscou-se a interação com moradores das cidades de Castro (centro-sul do Paraná) e Londrina (norte do Paraná). Foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres dentro da faixa etária 40-60 anos. A variante escolaridade foi considerada, sendo um informante de cada nível escolar (fundamental, médio e superior). Os entrevistados foram escolhidos de acordo com as especificidades que demandaram da formação do *corpus*.

Para a construção desse *corpus*, foi elaborado um roteiro “de conversa” composto de temas relacionados a questões pessoais, como família, lazer, animal de estimação, política, cidade/bairro e trabalho, a fim de incitar a narrativa desvencilhada da preocupação com o monitoramento, por se tratar de entrevista gravada que, por si só, como afirma Bortoni-Ricardo (1986), já coíbe o entrevistado e, portanto, leva à artificialidade dos dados.

Alguns autores propõem estratégias que podem facilitar o trabalho do entrevistador frente ao entrevistado e, assim, transformar a entrevista em um diálogo. Segundo Tarallo (1986, p. 23), “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura”. Esse autor propõe que os temas abordados nas entrevistas sejam condizentes com as experiências pessoais dos interlocutores. Esses temas, por serem envolventes e estarem relacionados à sensibilidade e à subjetividade do entrevistado, permitem, no decorrer da conversa, maior naturalidade na fala e desprendem os interlocutores da preocupação com a forma linguística, deixando os dados mais próximos da realidade do falante.

É importante ressaltar, também, que a entrevista propicia uma conversa plena entre os interlocutores – entrevistador/entrevistado, deixando para um segundo plano a troca de informações, ou seja, ao recordarem situações que lhes trazia ora recordações passadas, ora fatos cotidianos, os informantes se esqueciam dos aspectos linguísticos ou informativos e se tornavam verdadeiros “contadores de

histórias”, desenvolvendo a narrativa de forma espontânea. Por isso, em muitos momentos, ficou sobressalente uma grande carga expressiva nas respostas, tanto em relação aos homens, quanto às mulheres.

Concomitantemente às entrevistas, foram realizadas as transcrições. Como a ênfase do trabalho não está na análise fonética, morfológica ou sintática das frases, e sim no contexto semântico-estilístico e na variação social, as transcrições foram pautadas, sobretudo, nos aspectos expressivos encontrados nos trechos das narrativas em que o sufixo *-inho* foi utilizado.

Fundamentação teórica

O embasamento teórico foi constituído a partir dos fundamentos que medeiam a pesquisa Sociolinguística Qualitativa, que tem por objetivo analisar os aspectos sociais de uma comunidade de falantes com o intuito de descrever, analisar e compreender a estruturação da língua e sua variação mediante o condicionamento social, uma vez que não é possível conceber a língua sem que esta esteja inserida na sociedade, de acordo com Labov (2008).

Primeiramente, este tópico discute alguns pontos relativos à pesquisa Sociolinguística e suas variações. Em seguida, discute-se a questão estilística, entendida, neste estudo, como parte da Sociolinguística, por discutir alguns aspectos da variação, especialmente, como aponta Martins (1989), utilizando os postulados de Crystal e Davy, no que se refere às variedades utilizadas em diferentes situações, que extrapolam as reflexões gramaticais, direcionando-se à interpretação dos aspectos expressivos ligados ao contexto. Após essas considerações, expõe-se uma breve discussão a respeito das designações que o sufixo *-inho* recebe, em suas concepções gramatical e linguística, ou seja, ora concebendo esse afixo como morfema de grau, ora como sufixo derivacional.

A pesquisa Sociolinguística e as variações linguísticas

As línguas são dinâmicas e é possível encontrar em um mesmo idioma falares distintos que são condicionados por fatores extralinguísticos, descritos neste estudo

como históricos, geográficos, sociais e estilísticos, de acordo com a nomenclatura estabelecida por Camacho (1988).

Por históricos, compreendem-se as modificações ocorridas na língua com o passar do tempo, sabendo que ela pode se apresentar de maneiras diferentes a depender da época em questão. O espaço geográfico também cria marcas linguísticas, pois há diferentes dialetos que categorizam e descrevem qual a região de cada falante, porém é importante destacar que as marcações não são estáticas e também não seguem a mesma divisão geográfica; no entanto, pode-se notar que há uma geografia linguística. Como os fatores sociais sexo, escolaridade e idade marcam e classificam falantes, tornam-se imprescindíveis no momento da descrição linguística. De acordo com Camacho (1988, p. 32):

O domínio completo da língua materna é um processo constante, inacabado, que se origina do intercâmbio com os outros membros da comunidade. A semelhança entre as formas de expressão depende evidentemente do grau de intercâmbio entre os falantes. A variação social é o resultado da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da comunidade.

Outro fator que colabora para que haja variação é a situação comunicativa em que se encontra o falante, pois um mesmo falante possui e utiliza falares diferentes e esta variação ocorrerá de acordo com o grau de formalidade.

Neste trabalho, são considerados tanto fatores linguísticos quanto extralinguísticos para nortear a pesquisa, assim, os dados foram analisados de acordo com os preceitos sociolinguísticos, voltados, principalmente, para as questões estilísticas da variação linguística.

A estilística e o contexto linguístico

A Estilística surge como disciplina da Linguística no século XX, iniciada por Charles Bally, discípulo de Saussure e considerado o doutrinador da Estilística da língua, uma vez que seus estudos se voltam para os aspectos afetivos da língua falada, em uso, espontânea.

Martins (1989, p. 1) explica que a “estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objetivo o estilo.” Para Emílio (2003, p. 19) “a estilística como disciplina preocupa-se em descrever os fatos da expressão linguística do ponto de vista expressivo.” De acordo com o Houaiss (2001), estilo, do latim, *stilus*, é uma espécie de ferro pontudo com que se escrevia nas tábuas enceradas, e acabou, mais tarde, denominando o próprio modo de escrever. Não há consenso sobre a definição de estilo, de acordo com Martins (1989) e Monteiro (1991). Desse modo, neste estudo, a definição de estilo segue os critérios que fundamentam a pesquisa, baseada nos autores Marouzeau (1969), Riffaterre (1973) e Martins (1989).

Marouzeau (1969, p. 17), ao distinguir língua de estilo, postula que “[...] se pode definir a língua como a soma dos meios de expressão que nós dispomos para organizar o enunciado, o estilo, como o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão.”² (tradução nossa). Utilizando a ideia exposta por esse autor, Martins (1989) define estilo como “a qualidade do enunciado resultante de uma escolha que faz, entre os elementos constitutivos de uma dada língua aquele que a emprega em uma circunstância determinada” (MARTINS, 1989, p. 2).

De acordo com Riffaterre (1973, p. 32), “o estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva, ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura linguística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça”.

No momento do enunciado, o locutor tem a sua disposição um leque de possibilidades em seu repertório linguístico que pode variar, dependendo do contexto e do objetivo do falante (EMÍLIO, 2003), configurando-se como o estilo adequado à determinada situação.

A partir das ideias de Bally, expostas por Martins (1989), e da distinção entre as faces da linguagem que esse autor expõe – a intelectual e a afetiva -, a intenção do falante é analisada no momento do enunciado, somada aos sentidos que ele procurou manifestar e o juízo de valor revelado em seu discurso. Sendo assim,

² “[...] il semble que l’on puisse définir la langue comme la somme des moyens d’expression dont nous disposons pour mettre en forme l’énoncé, le style comme l’aspect et la qualité qui résultent du choix entre ces moyens d’expression.” (MAROUZEAU, 1969, p. 17).

considera-se, como Bakhtin (1997), que a expressividade não é inerente à língua, mas incorporada à fala como produto de uma descarga de emoções, ora positivas, ora negativas. São as nuances valorativas que um locutor aciona em seus enunciados, diante de um contexto significativo, no momento da interação.

Esta pesquisa focaliza a multiplicidade de valores do sufixo *-inho*. Martins (1989, p. 115) cita Leo Spitzer³ que observa nos diminutivos uma relação de ternura com o idioma, “um enamoramento da língua que acaricia as palavras como se fossem pessoas”. Porém nem todos os autores enxergam nesse morfema tamanha expressividade, como é o caso dos tradicionalistas que o tratam como morfema de grau em detrimento de seu caráter derivacional e expressivo.

Caráter dimensivo X caráter expressivo do sufixo *-inho*

Os afixos diminutivos têm sido motivo de interesse em vários estudos. Discute-se a visão gramatical *versus* a visão linguística. As Gramáticas Tradicionais mais antigas apontavam o afixo *-inho* como flexão de grau do substantivo e do adjetivo. Contudo as novas edições já estão admitindo uma significação além do caráter de dimensão para o sufixo diminutivo.

Cunha e Cintra (2001) abordam a questão da derivação sufixal, na classe nominal, em formas aumentativas e diminutivas, salientando que o valor de tais sufixos é mais afetivo do que lógico. Mais adiante, ao tratarem das flexões dos substantivos, o morfema *-inho* comporta-se como formador do grau sintético, expressando “uma significação atenuada, ou valorizada afetivamente (grau diminutivo).” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 198). Para esses gramáticos,

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar idéias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona [...]. (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 198).

Bechara (2009, p. 140) faz uso da nomenclatura linguística e explica que “os substantivos apresentam-se com sua significação *aumentada* ou *diminuída*,

³ A autora não fornece a bibliografia da obra citada.

auxiliados por sufixos derivacionais.” (grifos nossos). Segundo esse autor, a Nomenclatura Gramatical Brasileira confunde flexão com derivação. Para Bechara (2009, p. 140), “a flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levava o gramático Varrão a considerá-la um *derivativo voluntaria*”.

Nesta pesquisa, o termo derivação é utilizado em detrimento de flexão, uma vez que o sufixo *-inho* pode, dependendo da situação, atribuir diferentes significados à palavra acrescida. Para Sandmann (1991, p. 24) “os paradigmas flexionais são conjuntos completos e fechados”, e não formam novas palavras, somente adapta-se um item lexical a um contexto. Segundo Mattoso Câmara (1977, p. 72) “na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente”, por isso denominada *derivativo naturalis* por Varrão.

Em contrapartida, Sandmann (1991) salienta que derivação lexical por sufixação ou, de acordo com a nomenclatura do gramático latino Varrão, adotada por Mattoso Câmara (1977), *derivatio voluntaria*, é um processo bastante produtivo no português e, ao contrário da flexão, forma novos lexemas, registrados independentemente pelos lexicógrafos.

Em razão disso, foram analisadas, nesta pesquisa, somente as palavras que não sofreram idiomatização, tão frequente nas formações por *derivatio voluntaria*, observando-se, entretanto, os aspectos estilísticos que os sufixos derivacionais podem emprestar a um lexema, tornando a linguagem mais flexível e expressiva, como também refletindo diretamente os sentimentos, emoções, o que se quer transmitir ao interlocutor, à situação, não se tratando de uma obrigatoriedade estrutural da língua. Nesse contexto, Mattoso Câmara (1977, p. 73), destaca o sufixo diminutivo como um sufixo derivacional e lembra que “a sua inclusão na flexão nominal decorreu da transposição pouco inteligente de um aspecto da gramática latina para a nossa gramática”.

Análise dos dados

Neste estudo, foram tomados como fundamentos basilares os preceitos da Sociolinguística, introduzida por William Labov, uma vez que se propõe analisar a

língua em uso em duas regiões do Paraná, especialmente descrevendo a frequência de utilização do sufixo derivacional *-inho*. Foram considerados fatores extralinguísticos, como sexo, idade (40-60 anos) e escolaridade (fundamental, médio e superior) e, sem dúvida, possíveis particularidades geográficas, na observação do uso da linguagem por moradores do sul e norte do Paraná. Dentro dos fatores linguísticos, a ocorrência do sufixo *-inho* foi focalizada na classe dos nomes (substantivo e adjetivos).

Os princípios da estilística da linguagem são acrescentados a esta pesquisa, que, desde Bally, Jakobson, Spitzer, Mattoso Câmara, enfoca a riqueza do campo expressivo, subjacente ao referencial, a multiplicidade de valores afetivos que uma palavra pode significar, em especial, neste trabalho, a carga expressiva emprestada à palavra pelo afixo *-inho*, analisando-se as nuances valorativas expressas nas formas linguísticas subjetivas.

Fatores controladores

Foram realizadas 12 entrevistas, sendo 6 na cidade de Castro e 6 em Londrina. Os fatores extralinguísticos foram divididos da seguinte maneira: dos 12 entrevistados, 6 homens e 6 mulheres, 2 de cada nível de escolaridade (fundamental, médio e superior).

Resultados referentes a Castro

De um total de 79 palavras acrescidas de sufixo *-inho*, 71 ocorreram na classe dos nomes em detrimento de 8 entre os advérbios. As mulheres utilizaram 51 vezes o sufixo, enquanto os homens, 28. Dentre as 51 ocorrências no *corpus* feminino, em apenas 3 delas o afixo esteve junto a um advérbio, e 48 entre substantivos e adjetivos. Os homens utilizaram o sufixo *-inho* 28 vezes, sendo 23 acrescentando substantivos e adjetivos, e apenas 5 em advérbios, apresentando, assim, uma frequência maior, nessa classe, ao relacionar com os resultados obtidos entre as mulheres.

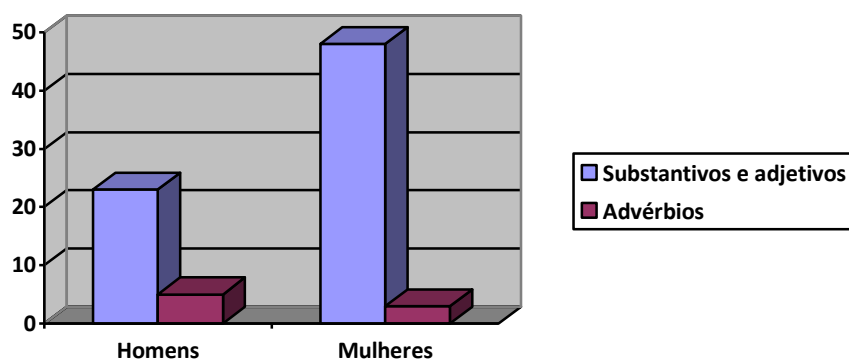


Gráfico 1 – Fator linguístico: classe dos nomes X advérbios entre homens e mulheres

Em relação ao fator escolaridade, entre homens e mulheres, os dados obtidos revelaram grande maioria da produtividade entre os informantes de nível fundamental, seguido pelo médio e, em último lugar, o nível superior.

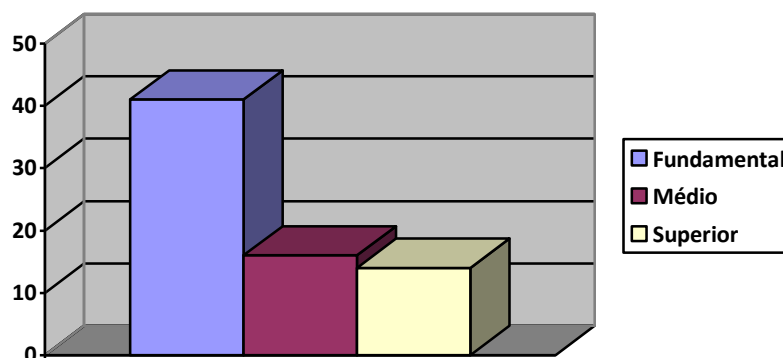


Gráfico 2 – Fator escolaridade entre homens e mulheres

As mulheres que cursaram até o nível fundamental utilizaram mais vezes o sufixo *-inho*, seguidas das mulheres com nível superior. Entre os homens, obteve-se maior frequência no nível fundamental também, seguido do médio, sem nenhuma ocorrência nos dados do informante de nível superior.

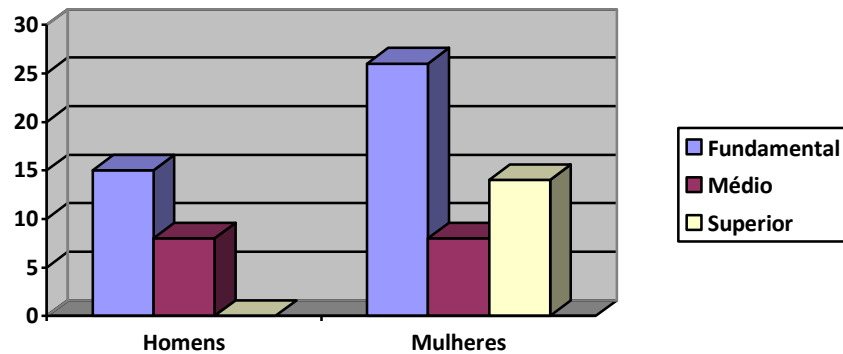


Gráfico 3 – Fator escolaridade de acordo com o sexo

Como o trabalho se voltou para a oralidade, e é justamente nas situações espontâneas que os significados mais carregados de afetividade foram encontrados, analisou-se, também, o uso expressivo relacionado aos temas das narrativas. O que pôde ser observado foi a insignificante presença do fator expressivo nos temas ligados à política e ao bairro/cidade. Por outro lado, houve relevante expressividade nas narrativas relacionadas aos temas ligados à infância, ao trabalho, aos animais de estimação das pessoas.

Ao ser relacionado o condicionante sexo aos temas abordados nas entrevistas, obteve-se o seguinte prospecto: os homens usaram palavras acrescidas de sufixo – *inho* em contextos expressivos quando narravam fatos da família e sobre suas preferências em relação ao lazer, seguidos das histórias sobre a infância, bairro, trabalho e, em último plano, sobre os animais de estimação.

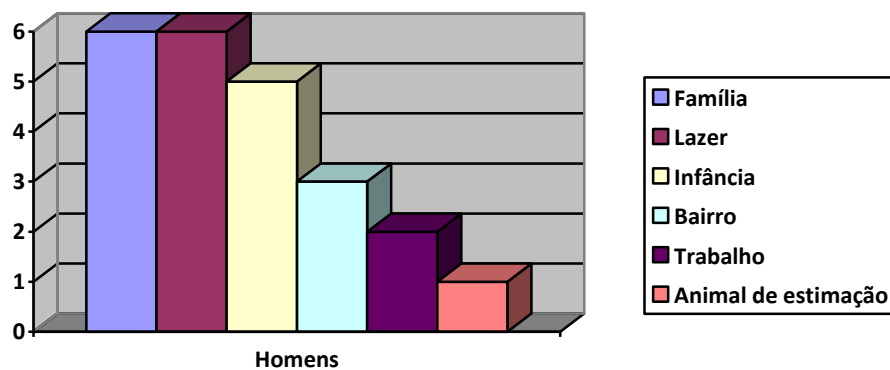


Gráfico 4 – Fator sexo/masculino relacionado aos temas abordados

Segue apenas um exemplo para ilustrar o gráfico. O informante expressou juízos de valor nas formas expressivas utilizadas ao narrar um fato sobre o início do seu casamento, a construção da casa.

“...quando mudamos aqui tinha uma **casinha** de 36 metros quadrados, de madeira...bem **pequeninha**. E no ano dois mil nós terminamos, fizemos daí um **sobradinho** aqui, né?” (G.S)

A palavra *casinha* denota significado dimensivo, reforçada pelo adjetivo *pequeninha* (dimensivo + expressivo). Em *sobradinho*, pode-se perceber a expressividade pura do entrevistado ao se referir a casa já terminada. Neste momento, prevalece o sentimento de nostalgia e apreciação pela conquista. O informante poderia ter utilizado a palavra *casa* sem o sufixo *-inho*, porém parece que ao lembrar a história, sentiu-se emocionado e expressou toda a sua carga emotiva ao utilizar a recorrência do sufixo em palavras subsequentes.

Entre as mulheres, a frequência de palavras acrescidas de *-inho* foi maior quando narravam histórias sobre seus animais de estimação, seguidas das narrativas sobre a infância, família, lazer e, em último plano, sobre trabalho. Quando descreviam acontecimentos relacionados ao tema cidade/bairro, não o fizeram de modo expressivo ou emotivo.

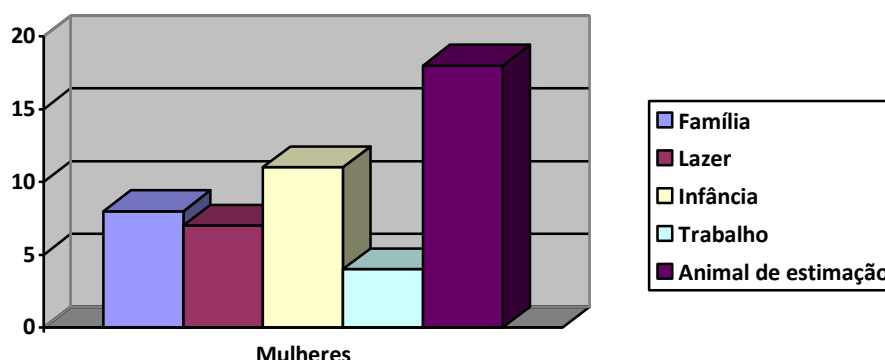


Gráfico 5 – Fator sexo/feminino relacionado aos temas abordados

Uma das informantes, ao narrar seus momentos de lazer, deixa transparecer o juízo valorativo que faz deles.

“Mas eu gosto assim, de ir passear, sair um pouquinho... É... agora esses **tempinho** tenho ido nuns **bailinho** muito bom. (risos)” (I.M.A.)

No contexto narrativo a pessoa exprime uma valoração positiva ao se referir aos seus momentos de lazer. A palavra *bailinho* foi dita com certo embaraço, timidez. O que leva a crer que outrora não costumava ir a estes eventos. Porém, *bailinho* pode ser avaliado de forma positiva, um lugar no qual ela se diverte muito, confirmado pelo “muito bom”.

Serão apresentados, agora, os resultados obtidos em Londrina.

Resultados referentes a Londrina

Nos dados da cidade de Londrina foram encontradas 51 palavras acrescidas do sufixo *-inho*, e 49 ocorreram na classe dos nomes, sendo as outras 2 palavras na classe dos advérbios.

Assim como em Castro, o número de mulheres é maior quando se busca a utilização do afixo, pois os dados mostraram que a frequência do uso do diminutivo entre as mulheres foi de 32 ocorrências, todas na classe dos nomes, enquanto os homens empregaram 2 advérbios em um total de 19 ocorrências.

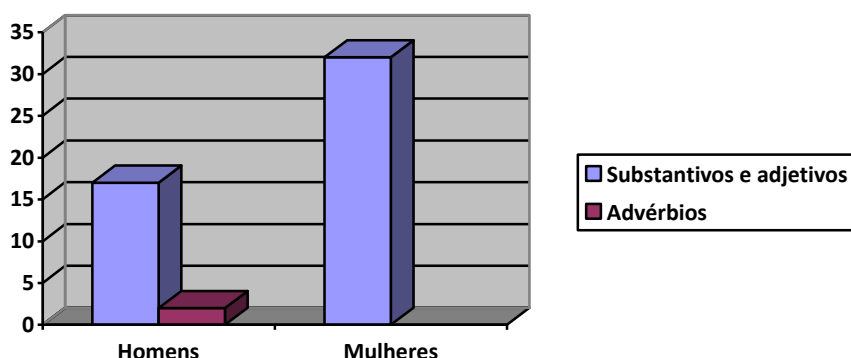


Gráfico 6 – Fator linguístico: classe dos nomes X advérbios entre homens e mulheres

A análise dos fatores extralinguísticos, tendo como foco o fator escolaridade, entre homens e mulheres, revelou que a maioria dos informantes que usou o diminutivo é do nível fundamental, seguido pelo médio e, em último lugar, pelo nível superior, que obteve apenas 8 ocorrências, como se observa no gráfico 5.

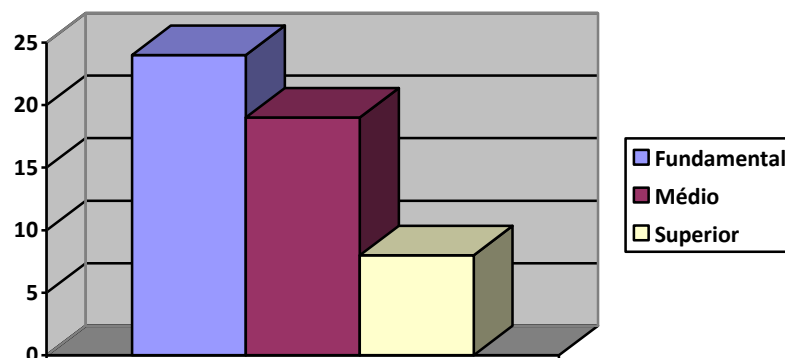


Gráfico 7 – Fator escolaridade entre homens e mulheres

No fator sexo, como já mencionado, as mulheres utilizam o diminutivo com maior frequência, principalmente as que cursaram apenas o ensino fundamental. Mas, tanto os homens quanto as mulheres, fazem mais o uso do diminutivo nas classes dos menos escolarizados, evidenciando que quanto maior a escolarização menor a frequência de diminutivos.

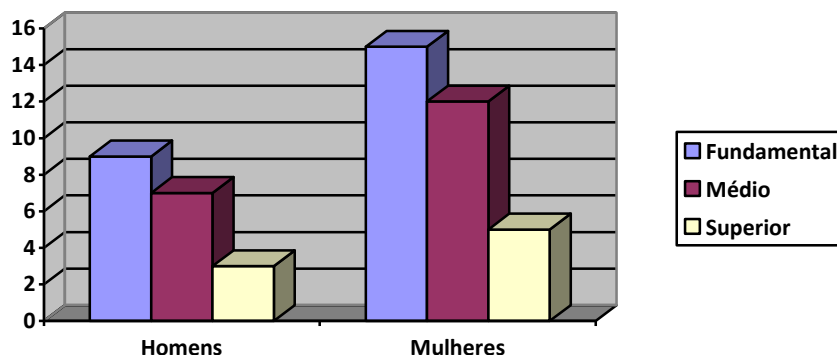


Gráfico 8 – Fator escolaridade de acordo com o sexo

Foram coletados e analisados os dados apenas na modalidade oral, já que, por meio de conversas espontâneas obteve-se um maior número de ocorrências do diminutivo *-inho* em situação informal. Desta maneira, foi observada, também, a questão da afetividade, pois os temas suscitavam estes significados. As temáticas relacionadas à infância e família apresentaram maior expressão afetiva tanto nos homens quanto nas mulheres.

Os informantes do sexo masculino utilizaram o diminutivo *-inho* e suas expressões foram mais afetivas na temática relacionada à infância, sendo 9

ocorrências, seguida da temática família, enquanto na temática lazer não houve nenhuma ocorrência.

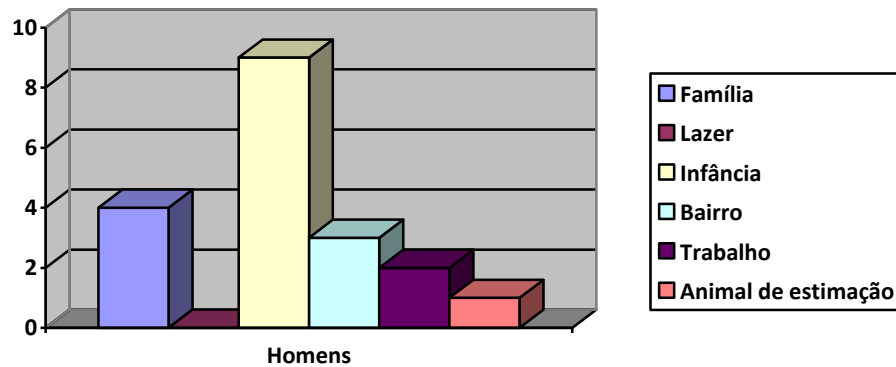


Gráfico 9 – Fator sexo/masculino relacionado aos temas abordados

Segue um exemplo para ilustrar o gráfico. O informante expressou juízos de valor nas formas expressivas utilizadas ao narrar um fato sobre sua infância.

“...quando éramos criança, bem **pequeninhos**, brincávamos na rua. Mas não era com brinquedos igual tem hoje, porque nós não tínhamos dinheiro para estas coisas... nós brincávamos com carrinho de “rolemã”, a gente ajudava o pai que fazia com uns **pedacinhos** de madeira que achávamos no quintal.” (P.O)

Entre as mulheres, a frequência de palavras acrescidas de *-inho* foi maior nas temáticas relacionadas à infância, animal de estimação e família.



Gráfico 10 – Fator sexo/feminino relacionado aos temas abordados

Da mesma maneira que ocorreu em Castro, na fala das mulheres de Londrina, foi possível perceber mais formas expressivas. Conforme se pode perceber na fala de uma das informantes quando relatou um fato de sua infância.

“Eu sou a irmã mais velha e tenho seis irmãos mais novos. Quando o Antônio nasceu, eu tinha uns 15 anos já... ele é o do meio sabe. Aí eu que cuidava dele pra mãe trabalhar. Era tão **pequeninho** e bem **gordinho**... eu vivia com ele... **bebezinho** ainda, bem **pequeninho**.”

Percebe-se nas palavras *"pequeninho, gordinho e bebezinho"* uma valorização positiva e extremamente afetiva, o que foi possível encontrar por se tratar de uma pesquisa que tem como instrumento a narrativa.

Cotejo dos resultados de Castro e Londrina

Nas duas cidades onde foram realizadas as entrevistas houve o uso do diminutivo *-inho* e, assim como outros estudos já apontaram, a utilização está, significativamente, mais presente na fala das mulheres, porém também aparece na fala dos homens.

Com relação ao fator escolaridade, as duas cidades apresentaram maiores ocorrências no ensino fundamental, seguido do médio e por último o superior, o que demonstra que quanto maior a escolaridade menor o número da utilização do afixo.

As temáticas escolhidas para as questões narrativas foram aplicadas nas duas cidades com os 12 informantes, e os resultados também foram diversos, pois em Castro os homens apresentaram maior ocorrência quando se referiam, respectivamente, à família, ao lazer e à infância, e em Londrina à infância, família e ao bairro. O sexo feminino também apresentou uma frequência em temas diferenciados, sendo em Castro: animal de estimação, infância e família. Já em Londrina: infância, lazer e família. Ficou perceptível que todos os informantes apresentaram ocorrências consideráveis nas temáticas família e infância, temas mais próximos e que apresentam uma maior expressão afetiva.

O número de ocorrências, totais, também apresentou diferenças, pois em Castro foram encontradas 79 palavras, sendo 71 na classe dos nomes e 8 na classe

dos advérbios; em Londrina o resultado foi de 51 palavras, sendo 49 na classe dos nomes e apenas 2 na classe dos advérbios.

Considerações finais

Este trabalho teve como foco central analisar o uso do diminutivo *-inho* em duas cidades do estado do Paraná. Assim, foram selecionados 12 informantes de ambos os sexos, dentro da faixa etária de 40-60 anos e de três níveis de escolaridade, sendo ensino fundamental, médio e superior. O *corpus* foi formado de entrevistas, nas quais foram incitadas narrativas sobre temas cotidianos, com o intuito de deixar o informante mais à vontade e, desta maneira, utilizar a linguagem mais informal.

Assim, constata-se que quase todos os informantes fazem uso do afixo, porém na fala das mulheres o número de ocorrências foi mais significativo, confirmando dados de pesquisas anteriores. No fator escolaridade, ficou claro que todos os níveis fazem uso, porém há maior ocorrência na classe dos informantes que possuem apenas o ensino fundamental.

Com base nos dados apresentados, pode-se afirmar que os fatores extralinguísticos sexo/escolaridade, e linguísticos – nomes apresentaram algumas diferenças. Assim, há a necessidade de ampliação do *corpus* que poderá permitir uma melhor compreensão da fala dos castrenses e londrinenses.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialeto. *Tempo Brasileiro*, n.53/54, jul.-dez. 1986, p.09-31.

CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In: *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*, vol.I, São Paulo, SE/CENP. 1988, 3v. Linguagem.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EMÍLIO, A. Diminutivo X Grau Normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista. *Revista da ABRALIN*, v. II, n. 1, 2003, p. 9-49.

ESTILO. In: HOUAISS, A. VILLAR, M. de V. Franco, F. M de M. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. 2001.

LABOV, W. *Princípios del cambio lingüístico*. Volumen 2: factores sociales. Madrid, Editorial Gredos, 2006.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAROUZEAU, J. *Précis de Stylistique Française*. Paris: Masson, 1969.

MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: EDUSP, 1989.

MONTEIRO, J. L. *A Estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

RIFFATERRE, M. *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SEVERO, C. G. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. *Revista de Letras do DACEX*, nº 08, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

Recebido em abril de 2013.
Aprovado em julho de 2013.